

A revista *Gibi* e a consolidação do mercado editorial de quadrinhos no Brasil*

Gibi magazine and the consolidation of the publishing market of comic books in Brazil

WALDOMIRO VERGUEIRO**

Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Departamento de Biblioteconomia e Documentação. São Paulo-SP, Brasil

ROBERTO ELÍSIO DOS SANTOS***

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Escola de Comunicação, Programa de Mestrado em Comunicação. São Caetano do Sul-SP, Brasil

RESUMO

Este trabalho resulta de pesquisa que teve como principal objetivo demonstrar a trajetória da produção editorial de histórias em quadrinhos no Brasil ao longo do século XX. Nesse período, pode ser percebida a passagem da referência europeia para a norte-americana em relação às histórias em quadrinhos e também aos formatos editoriais adotados. A análise da revista *Gibi*, uma das mais importantes do mercado editorial nacional, ajuda a ampliar a compreensão das mudanças nessa área.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos, publicações de quadrinhos, revista *Gibi*, quadrinhos brasileiros

ABSTRACT

This article is the result of a research, which had as its main purpose to demonstrate the trajectory of the comics editorial production in Brazil in the 20th century. In this period, the transition of the European model to the American one can be noticed in relation to the comics as well as in the adopted publishing formats. The analysis of the comic book *Gibi*, one of the most important titles of the national editorial market, contributes to a better comprehension of the changes in this area.

Keywords: Comics, comic books, *Gibi* magazine, Brazilian comics

* Trabalho acadêmico realizado por pesquisadores do Observatório de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP.

** Professor titular aposentado do Departamento de Biblioteconomia e Documentação e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP, onde é o coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos. E-mail: wdcsverg@usp.br

*** Livre docente em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP, onde é o vice-coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos. Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). E-mail: roberto.elisio@uscs.edu.br

N O ÂMBITO DA produção editorial de histórias em quadrinhos, o Brasil sofreu inicialmente influência das publicações impressas produzidas na Europa, principalmente na França e na Inglaterra. Contudo, na virada da década de 1920 para a de 1930, houve um crescente predomínio da linguagem e dos formatos dos quadrinhos elaborados nos Estados Unidos. Nessa época, as tiras cômicas e de aventura serializadas, assim como histórias mais longas e completas, ganharam maior espaço nas publicações brasileiras.

Esse momento de transição ainda não foi suficiente analisado e este artigo visa descrever estudo realizado nesse sentido. Foram consultadas coleções de publicações brasileiras que traziam histórias em quadrinhos (jornais, suplementos e revistas). Os dados obtidos no levantamento permitiram a delimitação do *corpus* da pesquisa. Nesse contexto, a revista *Gibi* foi identificada como uma das mais significativas publicações de quadrinhos da época e a que teve várias versões até o início do século XXI, sendo por isso eleita o objeto de análise deste trabalho.

Este texto apresenta, portanto, os resultados auferidos na pesquisa. Dessa forma, primeiramente, serão apresentadas as características das publicações brasileiras de histórias em quadrinhos desde o século XIX até o final da década de 1930. Em seguida, será feita a exposição da primeira fase da revista *Gibi*, de 1939 até o início dos anos 1960. Finalmente, será abordado o ressurgimento do título, nos anos 1970, e sua trajetória até o século XXI. O estudo dessa revista se reveste de importância por ser tão popular a ponto de seu título ter se tornado sinônimo utilizado para designar qualquer publicação de história em quadrinhos elaborada no país.

A PRODUÇÃO EDITORIAL DE QUADRINHOS NO BRASIL

De forma semelhante à Europa, as narrativas gráficas sequenciais no Brasil surgiram nas páginas dos periódicos jornalísticos, sendo usadas de forma humorística para a crítica política e de costumes. A influência das publicações europeias chegou ao Brasil na segunda metade do século XIX, trazida pelo imigrante italiano Angelo Agostini, o pioneiro das histórias ilustradas brasileiras (Cavalcanti, 2005).

Abolicionista e republicano, Agostini, além de charges e caricaturas, também criou duas histórias em quadrinhos serializadas: *As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte*, iniciada em 30 de janeiro de 1869, e *As aventuras de Zé Caipora*, que roteirizou e desenhou de 1883 até 1906 (Cardoso, 2005). O artista também desenhou o logotipo da revista *O Tico-Tico*, primeira publicação brasileira voltada para o público infantil a editar histórias em quadrinhos.

O sucesso editorial de *O Tico-Tico* foi alcançado desde seu lançamento, em 11 de outubro de 1905, e a revista só foi descontinuada no início da década de 1960. Com a capa e algumas páginas impressas em cores, essa publicação apresentava, além de narrativas sequenciais cômicas, contos, curiosidades, material didático, jogos e brinquedos de armar. Segundo Vergueiro e Santos (2005: 13), os objetivos de seus editores eram voltados para o entretenimento e para a educação dos seus leitores.

Idealizada por Renato de Castro e concretizada pelo diretor da empresa O Malho, Luis Bartolomeu de Souza e Silva, *O Tico-Tico* apresentava-se como o *Jornal das Crianças* e contava com uma estrutura comercial e gráfica que já utilizava a zincografia, fundamental para sua consolidação. Em relação ao formato da publicação e da disposição gráfica das histórias em quadrinhos, *O Tico-Tico* seguia o modelo europeu, principalmente o das publicações francesas (*La Semaine de Suzette*), italianas (*Corriere dei Piccoli*) e inglesas (*The Boy's Own Paper*, *Comic Cuts*, *Illustrated Chips*). Até mesmo o material norte-americano editado (e muitas vezes copiado) em suas páginas era modificado: os balões de fala eram eliminados e um texto narrativo era colocado sob as vinhetas.



FIGURA 1 – Tira de Chiquinho editada na revista *O Tico-Tico*

Algumas publicações voltadas para o público infantil tentaram competir com *O Tico-Tico*, mas tiveram vida breve, como *Tatuzinho*, *Bem-te-vi*, entre outras. Foi também o caso de *O Juquinha*, lançado em 1921, o mais bem sucedido nessa empreitada, mas que deixou de circular em meados da década de 1930. Em suas páginas, reproduzia quadrinhos ingleses (entre eles as histórias protagonizadas por *Carlitos*, personagem cinematográfico de Charles Chaplin) e

franceses. Da mesma forma que a concorrente, trazia brinquedos para armar e, no final de cada ano, também editava seu almanaque, repleto de jogos, páginas para recortar e quadrinhos americanos.

Se a referência cultural, na moda e no comportamento, durante as primeiras décadas do século XX, vinha da Europa, a partir da década de 1930, a influência dos Estados Unidos veio a ser predominante na sociedade brasileira. Com o esgotamento da política da República Velha, com a crise econômica de 1929, o Brasil vislumbrou na industrialização a principal alternativa de desenvolvimento. A vitória do grupo liderado por Getúlio Vargas (1882-1954) na Revolução de 1930 guiou a elite nacional cada vez mais para perto do capitalismo norte-americano. A indústria cultural americana (amparada no cinema de Hollywood, na música e nos quadrinhos) e as alianças feitas durante a Segunda Guerra Mundial selaram a aproximação dos dois países.

Desde o final do século XIX, as histórias em quadrinhos norte-americanas eram publicadas em jornais no formato de tiras (que, a partir de 1907, tornaram-se diárias) ou de páginas reproduzidas nos suplementos coloridos de quadrinhos encartados nas edições de domingo, que recebiam o nome de *Sundays*. Por causa da concorrência entre dois jornais nova-iorquinos – o *New York World*, de Joseph Pulitzer, e o *New York Journal*, pertencente a William Randolph Hearst, as Histórias em Quadrinhos norte-americanas tornaram-se sucesso popular e um empreendimento lucrativo, inclusive fora dos Estados Unidos. É possível que, sem a estrutura empresarial (jornais, editoras, distribuidoras) que tornou o quadrinho um produto comercial, esta manifestação artística não teria desenvolvido todo seu potencial (estético, narrativo, mercadológico etc.) e cativado gerações de leitores.

Para organizar a distribuição das tiras diárias e histórias das páginas dominicais, assegurando o pagamento dos direitos autorais e evitando o uso indevido das histórias e personagens, Hearst criou em 1913 uma empresa, a *King Features Syndicate*, com a função de distribuir o material para diversos veículos impressos, que pagam para veiculá-los. A ação dos *syndicates* provocou mudança em diversas tiras: como deveriam agradar o público que atingia através dos jornais do interior, os quadrinhos, eminentemente urbanos em sua origem, foram aderindo a temas e ambientes rurais. Ainda na visão de Goidanich, “a mesma história era enviada para vários jornais e seus criadores (em geral um roteirista e um desenhista) ganhavam porcentagem sobre as vendas. Isto deu enorme força à ‘nova arte’, atraindo artistas plásticos e ilustradores para os Comics” (1990: 10).

Até o final da década de 1920, as tiras diárias e páginas dominicais de quadrinhos caracterizavam-se pelo humor. As situações cômicas tinham início

e fim na mesma tira ou página. Contudo, a partir de janeiro de 1929 começaram a ser publicadas as *adventure-strips* (tiras de aventuras) de *Tarzan* e *Buck Rogers*, personagens surgidos originalmente na literatura, que tinham suas narrativas, longas, serializadas ao longo de meses. Cada edição de jornal ou de suplemento dominical trazia uma parte da história, um fragmento da aventura que o público acompanhava impacientemente até seu desfecho, seguido pelo início de uma nova empreitada do personagem. A continuidade da narrativa, marcada pela existência de *ganchos* entre a tira ou página precedente e a posterior, é uma das características do gênero.

De acordo com Goulart, “os jornais ficaram seriamente interessados nas histórias [em quadrinhos] de aventuras contínuas, na mesma época em que o cinema as fazia” (2005: 7). Um número cada vez maior de quadrinhos de aventuras surgiu durante a década de 1930, momento em que a Depressão Econômica gerava desemprego e miséria, a violência urbana aumentava e havia o temor de que uma nova guerra eclodisse na Europa. Os protagonistas dessas histórias, destemidos e audazes, enfrentavam perigos mortais em suas andanças por lugares exóticos (nas selvas e até mesmo no espaço) ou nas ruas das metrópoles. Esses personagens altruístas lutavam para combater o mal provocado por bandidos, espiões e cientistas loucos, vivendo em ambientes glamorosos e tendo a seu lado belas mulheres, vilãs ou mocinhas, com as quais flertavam em situações românticas de ingênua sensualidade.

Outro formato desenvolvido na década de 1930 nos Estados Unidos foi o do *comic-book*, revista de histórias em quadrinhos. O publicitário Max Gaines (1894-1947) criou o título *Funnies on Parade* – que reunia tiras de quadrinhos já editadas em jornais – para ser um brinde de final de ano dado por uma empresa gráfica. Percebendo a demanda existente, Gaines lançou em 1934 a revista *Famous Funnies* (Benton, 1989). A partir de 1935 essas publicações baratas começaram a apresentar material inédito, histórias feitas especialmente para o novo formato. O primeiro título a trazer quadrinhos originais foi *New Comics*, cuja editora lançou, em 1938, a revista *Action Comics*, na qual estreou *Superman*. Com o sucesso de vendas de revistas desse personagem, os quadrinhos de super-heróis tornaram-se um gênero fundamental para a indústria editorial de quadrinhos norte-americana.

No Brasil, a primeira publicação a seguir o padrão dos *comics* foi o semanário carioca *Correio Universal*, lançado em 1929, que em suas páginas trazia várias tiras americanas. Durante a década de 1930, os editores desse periódico editaram álbuns de histórias em quadrinhos realizadas nos Estados Unidos e também por artistas brasileiros, como *O Guarany*, adaptação realizada por Francisco Acquarone, autor das aventuras de *João Tymbira*, personagem forte,

atlético e elegante, tal como os protagonistas das *adventure-strips* norte-americanas. Esses álbuns, editados no formato horizontal, eram chamados de *Edição Extraordinária do Correio Universal*.

O ponto inicial dos suplementos de histórias em quadrinhos no Brasil pode ser considerado a partir do lançamento da *Gazeta Infantil*. A seção do jornal paulista *A Gazeta*, criada em 1928, tornou-se um suplemento semanal a partir de 12 de setembro do ano seguinte, com o título *A Gazeta Edição Infantil*, tendo vivido, até 1950, três fases. Na primeira, que durou até outubro de 1930, além de *comics* americanos, também foram editadas histórias de artistas nacionais, como *Piolim*, personagem baseado no palhaço brasileiro, desenhado por Gomez Dias e Nino Borges. Este último também foi autor de *Bolinha e Bolonha*, publicados a partir de março de 1930.

É possível perceber a influência dos *comics* norte-americanos sobre a edição de quadrinhos no Brasil, e não só pelas tiras republicadas por aqui, mas, principalmente, nas mudanças introduzidas na linguagem das narrativas gráficas sequenciais: o quadrinho de humor com histórias curtas e autocontidas dá lugar aos enredos de aventura, serializados em vários capítulos. O modelo então vigente, derivado do quadrinho europeu, em que as legendas eram colocadas sob as vinhetas, foi paulatinamente substituído pelo americano, que emprega os balões de fala para os diálogos e os recordatórios para textos narrativos e passagens de tempo e espaço. Esses novos elementos nas páginas de *A Gazeta Edição Infantil* foram incorporados pelo concurso realizado em maio de 1930, que apresentava uma tira de quadrinhos sem texto nos balões, os quais os leitores deveriam preencher para ganhar os prêmios oferecidos.

A segunda fase da *Gazetinha* teve início em setembro de 1933, quando o suplemento voltou a circular, e durou até março de 1940, tendo como característica a disseminação de personagens dos *comics* americanos (*Betty Boop*, *Brick Bradford*, *Fantasma* e *Superman*) e da produção de trabalhos realizados por Belmonte e Messias de Mello. O primeiro fez para *A Gazetinha* as histórias protagonizadas por *Paulino e Aubina* e por *Tutu, Titi e Totó*, além de assumir a *Carta Enigmática*.

Já Messias de Mello iniciou sua carreira no jornal *A Gazeta*, em 1932. Para *A Gazetinha*, desenhou histórias do *Tutu* em 1933 e, no ano seguinte, criou o *Pão-duro*, um malandro que quase sempre se dava mal. Ao lado do escritor Armando Brussolo, realizou, de 1936 a 1939, diversas histórias em quadrinhos serializadas (como as *adventure-strips* norte-americanas): *Capitão Blood*, *Sherlock Holmes*, o *Homem Elétrico*, *O Conde de Monte Cristo*, *Os Três Mosqueteiros* e *A conquista das esmeraldas*, na qual narrou a saga do bandeirante Fernão Dias. Também ilustrou *O Raio da Morte*, *Bascomb – o Terror de Ferney*,

À *Roda da Lua* (baseado no livro de Júlio Verne) e *Audaz, o Demolidor*, entre outros trabalhos criados para esse suplemento.

Outra narrativa gráfica sequencial de grande relevância na história dos quadrinhos brasileiros foi *A Garra Cinzenta*, lançada pela *Gazetinha* em julho de 1937, elaborada por Francisco Armond (roteiro) e Renato de Azevedo Silva (arte). Desenhada com estilo realista (como o dos principais artistas que realizaram as *adventure-strips* norte-americanas), era publicada em capítulos de uma página em cada edição. Em abril de 1939 foi lançada a *Edição Majestosa da Gazetinha*, com heróis dos *comics* e *As aventuras de Marco Pólo*. Já a terceira fase da *Gazetinha* estendeu-se de março de 1948 a junho de 1950, sob a direção de Jerônimo Monteiro. Com o título de *A Gazeta Juvenil*, chegou a ter, a partir de agosto de 1949, periodicidade quinzenal e 40 páginas por edição, apresentando quadrinhos feitos na Itália, ao lado da produção nacional.

Os suplementos de quadrinhos encartados em jornais brasileiros atingiram o auge com o lançamento do *Suplemento Infantil*, tabloide que integrava o jornal *A Nação*. Sua criação se deve à visão empresarial e à persistência do então jornalista Adolfo Aizen, que aproveitou uma viagem aos Estados Unidos para conhecer o *King Features Syndicate*. Ao retornar para o Rio de Janeiro, Aizen convenceu o proprietário do jornal *A Nação*, João Alberto Lins de Barros, a lançar suplementos: além do infantil, foram editados de humor, policial (que também veiculava quadrinhos, como *Dick Tracy* e *Red Barry*), esportivo e feminino, encartados no periódico jornalístico.

O primeiro número do *Suplemento Infantil*, de 14 de março de 1934, contava com uma ilustração realizada por J. Carlos em sua capa, contos, *comic-strips* americanas e o capítulo inicial da história em quadrinhos intitulada *As Aventuras de Roberto Sorocaba*, também chamada de *Os exploradores da Atlântida* e publicada em oito partes, desenhada pelo artista luso-brasileiro Monteiro Filho. O sucesso junto ao público foi tão grande que o *Suplemento Infantil*, a partir de seu 16º número, com data de 20 de junho de 1934, tornou-se independente e recebeu o nome *Suplemento Juvenil*, com o qual circulou por mais de uma década.

Esse tabloide oferecia em suas páginas jogos, contos, tiras norte-americanas e quadrinhos criados por artistas brasileiros, com destaque para o ilustrador Carlos Thiré, autor de *O Gavião de Riff* e *As aventuras de Raffles*. O suplemento chegou a ser publicado três vezes por semana (terças, quintas e sábados), atingindo o total de 300 mil exemplares por edição e gerando outras publicações, como a *Edição Maravilhosa* (editada quatro vezes por ano, em março, junho, setembro e dezembro) e livros encadernados com histórias estreladas pelos principais personagens dos quadrinhos.



Figura 2 – *A Garra Cinzenta*: desenho realista e história serializada

Os suplementos de quadrinhos brasileiros foram tão bem aceitos pelo público que deixaram de ser encartados em jornais e ganharam publicação periódica e contínua, sendo vendidos como publicações independentes dos diários impressos. O mercado estava pronto para o lançamento de revistas de histórias em quadrinhos, que, paulatinamente, adotaram o padrão do *comic-book* norte-americano.

Essa trajetória rumo ao novo formato tem início em maio de 1937, com a chegada às bancas da revista semanal *Mirim*. Segundo Diamantino da Silva (2003: 62), Adolfo Aizen pretendia atender à procura cada vez maior por quadrinhos. Se os suplementos seguiam o padrão dos jornais tablóides (28 x 38 cm), esta publicação de 32 páginas possuía as medidas 18,5 x 27 cm, com suas páginas grampeadas no centro e tendo a capa e a contracapa impressas em cores e o miolo em preto e branco. A revista chegou a ser publicada às quartas, sextas (com o título *Mirim Sextaferino*, com histórias completas) e domingos, as edições especiais de *Meio de Mez*, o *Mirim Mensal* e a *Biblioteca Mirim* (coleção de livros de bolso com capa dura com cerca de 200 a 300 páginas por volume).



FIGURA 3 – Capa da revista *Mirim*, criada por Adolfo Aizen

Outra publicação idealizada por Aizen foi *O Lobinho*, lançada em abril de 1938. Inicialmente em formato *standard*, com oito páginas impressas em cores e em preto e branco, era publicado às sextas-feiras e chegou a ter periodicidade diária. No início de 1940, tornou-se uma revista mensal no formato dos *comic-books*, com 72 páginas de histórias em quadrinhos (principalmente norte-americanas) completas. Segundo Gonçalo Júnior (2004), o título da publicação foi escolhido por Aizen com a finalidade exclusiva de evitar que seu maior concorrente, Roberto Marinho, lançasse uma publicação com título semelhante – *Globinho*.

Com o sucesso comercial das publicações de Aizen, Assis Chateaubriand, proprietário dos Diários Associados, também entrou no mercado de quadrinhos com a revista *O Gury*, que tinha como subtítulo *Filhote do Diário da Noite* e trazia histórias protagonizadas por *O Amigo da Onça*, personagem idealizado pelo cartunista Péricles de Andrade Maranhão, além de quadrinhos publicados em jornais e revistas americanos.

Para concorrer com as publicações de Aizen, o editor Roberto Marinho, proprietário do jornal *O Globo*, havia lançado, em 12 de junho de 1937, *O Globo Juvenil*, seguindo o mesmo formato do *Suplemento Juvenil*. Editado duas vezes por semana (às quartas e aos sábados), além de tiras norte-americanas, abria parte de suas 16 páginas para artistas nacionais, com destaque para Francisco Acquarone (desenhista de *Os primeiros homens na Lua* e *As Minas de Prata*). Em 1940, surgiu *O Globo Juvenil Mensal*, publicado até 1962. Na mesma época, surgiu o *Almanaque do Globo Juvenil*, que totalizou 16 edições. Mas a publicação

que se popularizou a tal ponto que seu nome é, ainda hoje, sinônimo de revista de histórias em quadrinhos, foi *Gibi*.



FIGURA 4 – Edição da primeira fase da revista *Gibi*

GIBI E A CONSOLIDAÇÃO DAS REVISTAS DE QUADRINHOS NO BRASIL

A revista surgiu no dia 12 de abril de 1939, uma quarta-feira. Tinha 32 páginas e formato 21 x 28 cm, praticamente o mesmo da revista *Mirim*, de Aizen. Custava 300 réis. O número de estreia trazia várias séries e personagens em episódios continuados. O destaque da capa era para o personagem *Charlie Chan*, detetive chinês oriundo dos livros *pulps*, criado por Earl Derr Biggers. Nos quadrinhos, era desenhado por Alfred Andriola. Também estavam no primeiro número o caubói *Bronco Piler*, criado por Fred Harman; *Cesar e Tubinho*, uma das primeiras séries de aventura dos quadrinhos, de Roy Crane; o aviador *Barney Baxter*, de Frank Miller; *Brucutu*, o personagem pré-histórico criado por Vincent T. Hamlin; e o caipira ianque *Ferdinando*, concebido por Al Capp.

É interessante notar que a revista, embora buscando o formato dos *comic books* norte-americanos, estava recheada de histórias em quadrinhos

P

A revista *Gibi* e a consolidação do mercado editorial de quadrinhos no Brasil

originalmente publicadas em jornais, de certa forma replicando o início do novo formato em seu país de origem. A presença de um autor brasileiro era garantida em episódio da história *Os Filhos do Capitão Grant*, adaptação do romance homônimo do escritor francês Julio Verne, desenhada por Miguel Hochman, veterano artista da revista *O Tico-Tico*.

O primeiro número da revista trazia ainda seções com curiosidades, textos educativos, notícias e contos de autores nacionais e estrangeiros. Fazia também a divulgação do *Grande Concurso Gibi*, com mais de 2000 prêmios para os concorrentes e que constituía uma estratégia de *marketing* para divulgação dos títulos de quadrinhos de Roberto Marinho. Os números seguintes introduziram outros personagens na revista, também provenientes dos jornais norte-americanos, e mantiveram a maioria dos que surgiram em sua estreia.

O segundo semestre de 1939 marcou um grande momento para a revista *Gibi*: juntamente com *O Globo Juvenil*, ela iniciou a publicação de diversos personagens que anteriormente eram divulgados pelo *Suplemento Juvenil*, de Aizen. Essa mudança marcou o início do fim do *Suplemento* e uma guinada positiva para as publicações de Roberto Marinho, que de uma penada só veio a ser detentor dos principais personagens distribuídos pelo *King Features Syndicate*.

A aquisição dos personagens levou a novas ousadias: a partir do número 34, de 6 de agosto de 1939, a revista *Gibi* passou a ser publicada três vezes por semana, sendo disponibilizada ao público também às sextas-feiras (Gonçalo Júnior, 2004). As grandes vedetes da revista agora eram *Mandrake*, de Lee Falk e Phil Davis; *Brick Bradford*, nela batizado como *Dick James*, de William Ritt e Clarence Gray; *Inspetor Wade*, originalmente criado pelo escritor inglês Edgar Wallace, que nos quadrinhos tinha roteiros de Sheldon Stark e desenhos de Neil O'Keefe; *O Rei da Polícia Montada*, de Zane Grey e Charles Flanders; o marinheiro *Popeye*, criado por Elzie Crisler Segar; o *Fantasma Voador*, de Lee Falk e Ray Moore; *Pinduca*, de Carl Anderson, entre outros.

Outras ousadias viriam em seguida. Apenas dois meses depois, edições especiais passaram a ser lançadas, álbuns com um único personagem, o primeiro número sendo estrelado pelo detetive *Charlie Chan*. E em dezembro de 1939 surgiu *Gibi Mensal*, publicação em formato menor que o original, com 18 x 26 cm. Tinha capa colorida em papel couchê e um número bem maior de páginas (100), trazendo apenas histórias completas. Com ela, sedimentava-se o modelo de revista em quadrinhos no Brasil, que iria predominar desde então. Durante a próxima década e meia, os dois títulos conviveriam harmoniosamente na disputa da preferência dos leitores.

Entretanto, as inovações do *Gibi Mensal* não se limitaram ao formato e ao número de páginas. Aos poucos, ele começou a publicar histórias produzidas



Figura 5 – Capa da revista *Gibi Mensal*

especificamente para os *comic-books*. A fonte dessas histórias eram as muitas editoras de revistas em quadrinhos então existentes nos Estados Unidos.

A partir de então, outros heróis abrilhantaram as páginas da revista *Gibi*. *As de Espada*, de Al Camy; *Escudo e Bob*, de Charles Biro e Irv Novick; *Bola de Fogo*, de Paul Reinman e *Homem Espelho*, de Paul Berdanier vieram da editora MLJ, posteriormente conhecida como *Archie Comics*. O mais importante personagem da editora *Fawcett*, o *Capitão Marvel*, criação de Charles Clarence Beck, foi publicado na revista *Gibi Mensal*, com ótima receptividade do público. Outra editora que forneceu personagens para a revista foi a *Quality*, entre os quais se destacam *Bozo*, de George Brenner; *Aranha*, de Paul Gustavson; *Falcão Negro*, de Reed Crandall e várias criações de Will Eisner, como *Místico*, *Dora* (originalmente *Lady Lucky*) e *The Spirit*, seu personagem mais cultuado. As primeiras histórias daquela que futuramente viria a se transformar na gigante *Marvel Comics*, então denominada editora *Timely*, foram também publicadas no *Gibi Mensal*, com destaque para o *Tocha Humana*, criado por Carl Burgos, e *Namor*, de Bill Everett. Outro personagem dessa editora publicado na revista foi *Visão*, criado por Jack Kirby e Joe Simon, também responsáveis pela criação do *Capitão América*, um ícone dos quadrinhos norte-americanos. Os anos áureos da revista *Gibi* também geraram uma edição anual, o *Gibi Especial de Natal*, publicado de 1944 a 1959 em edições volumosas, com até 300 páginas.

A primeira série da revista *Gibi* encerrou-se com o número 1739, de 31 de maio de 1950. A série seguinte, rebatizada de *Novo Gibi*, foi iniciada 4 dias depois. Mantinha a continuidade da antiga numeração, contudo, agora quinzenal, com 64 páginas e capa em papel couchê. A má notícia para os leitores estava ligada ao preço da publicação, que subiu de 80 centavos, para 2 cruzeiros. Trazia histórias completas de antigos heróis, como *Mandrake* e o *Rei da Polícia Montada*. Os números seguintes tampouco se diferenciavam muito dessa fórmula. Com isso, o título original ficava cada vez mais semelhante ao *Gibi Mensal*.

O ano de 1952 foi marcado pela fundação da Rio Gráfica e Editora, empresa que passou a administrar e produzir as publicações de quadrinhos das Organizações Globo. A editora, sentindo a receptividade do mercado, logo lançou várias revistas dedicadas a um único personagem, a grande maioria com heróis já publicados no *Novo Gibi* e no *Gibi Mensal*. Isso foi bom para a nova editora, mas representou o canto de cisne para as duas publicações, que viram seu modelo editorial – coletâneas de histórias em quadrinhos de personagens e gêneros diversos – cada vez mais desprestigiado. Aos poucos, elas foram perdendo seu apelo junto ao público.

O *Novo Gibi*, número 1842, deixou de circular em dezembro de 1954. Apesar de ganhar periodicidade mensal um ano antes, isso de pouco adiantou. Resultado insuficiente alcançou também o lançamento da edição anual da revista, o *Almanaque do Gibi*, em 1955. Um tanto maior, no formato 18 x 26 cm, e com 100 páginas, teve poucos números editados. O *Gibi Mensal* manteve-se em bancas durante mais tempo, apoiando-se nas séries de faroeste, como *Davy Crockett*, *Kid Colt* e *Jim Parker*, sucesso nos anos 1950. Sua última edição, a 249, foi publicada em 1961.

Com o encerramento do *Gibi Mensal*, várias outras revistas do gênero faroeste passaram a ser publicadas pela Rio Gráfica e Editora, tanto importadas como produzidas localmente. Contudo, contrariamente ao que se poderia imaginar, essa substituição não representava o fracasso da revista *Gibi* e das outras publicações com título semelhante. Nessa época, a palavra *gibi* já havia se transformado em sinônimo para revista de histórias em quadrinhos, o que significava que o título havia deixado sua marca não apenas na indústria editorial, mas na sociedade brasileira como um todo.

O RESSURGIMENTO DO *GIBI*

O título *Gibi* não desapareceu definitivamente no início dos anos 1960. De fato, ele retornaria às bancas outras vezes, nas décadas seguintes. A primeira tentativa de recomeço ocorreu em setembro de 1974, com o lançamento da revista *Gibi Semanal*. Tratava-se de uma proposta audaciosa, idealizada pelo desenhista Walmir Amaral de Oliveira e pela editora Sonia Hirsch, tanto pela periodicidade da publicação como de seu formato (40 x 30 cm). Chegou a ter 40 números publicados, mantendo-se em banca até final de julho de 1975.

Entre as razões da pouca longevidade dessa publicação estão os fatos de que ela destoava totalmente de suas congêneres e tornava difícil sua exposição nas bancas de jornal, pois não se ajeitava no espaço destinado aos quadrinhos. Muitas vezes, as revistas ficavam penduradas à frente das bancas, como os jornais, o que prejudicava sua visibilidade.

O grande formato permitia a publicação de diversos modelos de quadrinhos: as meias páginas dominicais dos personagens, contendo seis quadrinhos simétricos, revezavam com histórias mais longas publicadas em jornais, que ocupavam apenas a parte mais central da página (2/3), sendo a borda preenchida por duas tiras de histórias em quadrinhos, normalmente de um mesmo personagem. Histórias originalmente publicadas em revistas europeias, com duas páginas originais, ocupavam uma página do *Gibi Semanal*.

Entretanto, a curta vida da publicação não se deveu à qualidade de seu conteúdo. O título publicou grandes séries humorísticas, como *Peanuts*, de Charles Schulz; *Versus*, de Jack Wohl; *Recruta Zero*, de Mort Walker; *Popeye*, desenhado por Bud Sagendorf; *Touro-Sentado*, de Gordon Bess; *Bronco Bill*, de Rog Bollen e Gary Peterman; *Frank e Ernest*, de Bob Thaves e *Brucutu*, desenhado por Davy Grade. Personagens de aventura, como *Flash Gordon*, originalmente criado por Alex Raymond, surgiram em narrativas longas, o mesmo acontecendo com outros, como *Nick Holmes* e *Agente Secreto*, também de Raymond; *Tarzan*, de Edgar Rice Burroughs, nos traços de John Cellardo; *Big Ben Bolt*, de John Cullen Murphy e *The Spirit*, de Will Eisner. A inovação do *Gibi Semanal* em relação a suas antepassadas de mesma denominação foi a inclusão de produções europeias, como a série *Aristocratas*, dos italianos Alfredo Castelli e Ferdinando Tacconi, originalmente publicada na revista italiana *Corriere dei Ragazzi*.

Vários autores brasileiros também foram publicados no *Gibi Semanal*, identificados por um concurso realizado pela revista. Entre esses, vários nomes que tiveram sólida carreira na área, como Fausto Hugo Pratts, Marcio Pitliuk, Watson, Munhoz, Paulo Paiva, Novaes e Sergio e Xalberto.



Figura 6 – Capa do *Gibi Semanal*

P

A revista *Gibi* e a consolidação do mercado editorial de quadrinhos no Brasil

A segunda tentativa de retomada do *Gibi* ocorreu com o lançamento de *Gibi Especial*, em 1975. A primeira edição dessa revista era totalmente dedicada ao personagem *Spirit*, de Will Eisner. Diferentemente do *Gibi Semanal*, no entanto, a edição especial era em formato menor, o chamado magazine – semelhante ao da revista *Veja*. Esse formato foi mantido apenas nos três primeiros números, o quarto número assumindo o formato *comic book*. Com cada edição sendo dedicada a um único personagem – *Fantasma*, *Ferdinando*, *Os Panteras*, *Príncipe Valente*, *Tereré* e *Nick Holmes* – o título teve apenas oito números, encerrando-se em novembro de 1975.

A terceira tentativa de relançamento do título na década de 1970, o *Almanaque do Gibi Nostalgia*, circulou de 1975 a 1977 e teve apenas seis edições. Acompanhava o formato do *Gibi Semanal* e trazia os mesmos personagens, mas em histórias completas. O *Almanaque do Gibi Atualidade*, a última empreitada dessa década, teve apenas uma solitária edição, dedicada a personagens europeus como *Corto Maltese* e *Valentina*, criados, respectivamente, pelos italianos Hugo Pratt e Guido Crepax; *Scarlet Dream*, dos franceses Robert Gigi e Claude Moliterni; além do brasileiro Luis Gê, com a história *Ano da Mulher*.

Na década de 1980 foram publicadas seis edições do título *Gibi de Ouro* – *Os Clássicos dos Quadrinhos*, que compreendiam, à exceção do primeiro, republicações dos primeiros números das revistas *Bufallo Bill*, *Mandrake*, *Ferdinando*, *Nick Holmes* e *Cavaleiro Negro*. A exceção era o número dedicado ao *Fantasma*, que abria a coleção, que apresentava a republicação do segundo número de sua revista mensal, pois o primeiro número havia sido reeditado pela Rio Gráfica e Editora pouco tempo antes.

A Rio Gráfica e Editora jamais reutilizaria o título *Gibi* em qualquer publicação. Apenas sua sucessora, a editora Globo o faria, de 1993 a 1994, quando lançou 12 edições da revista *Gibi* em formato menor, à época conhecido como formatinho (13,5 x 19 cm), nas quais revezou personagens clássicos (*Fantasma*, *Mandrake* e *Recruta Zero*) com personagens de segunda linha da editora *Marvel Comics*. A Globo ainda colocou no mercado, entre 1991 e 2006, vários títulos em formato bem pequeno – 9,5 x 13,5 cm – genericamente incorporando a palavra *Gibizinho* e dedicados aos personagens criados pelo desenhista brasileiro Maurício de Sousa, então o carro-chefe da editora.

Também ligada a Maurício de Sousa foi a última utilização da palavra *gibi* como título de uma publicação. Inversamente ao caso anterior, no entanto, fez-se a opção pelo aumentativo, denominando-se o título como *Gibizão da Turma da Mônica*. Teve nove edições, de 2001 a 2005.



Figura 7 – Capa do Almanaque do Gibi Nostalgia



Figura 8 – Gibizinho da Mônica, com histórias de Maurício de Sousa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ser lançada, em 1939, a revista *Gibi* representou a opção por um novo modelo de produção em quadrinhos, abraçando uma proposta editorial já vitoriosa no mercado norte-americano. Com essa opção, ajudou a introduzir no Brasil uma série de personagens que iriam se transformar em ícones no gênero e atuou de forma decisiva na criação de uma cultura quadrinhística no país, sendo essencial no fortalecimento de uma comunidade leitora entusiasmada com o meio.

Tendo sido publicada ininterruptamente – como *Gibi* ou *Gibi Mensal* – por mais de duas décadas, deixou de circular quando seu modelo de publicação já manifestava exaustão e outras fórmulas editoriais encontravam maior receptividade junto ao público. Em todas as tentativas posteriores de retomada, o título *Gibi* já não visava o estabelecimento de um inovador modelo editorial para a produção de quadrinhos. E, menos ainda, tinha como objetivo familiarizar seus leitores a novos e ousados personagens de uma mídia recém-criada. Esta tarefa, ele a cumpriu – e muito bem! – em seus vinte primeiros anos de existência.

O *Gibi* depois do *Gibi* já não era um título, mas um *trademark*. Em todas as tentativas de publicação posteriores a 1960, ele teve como objetivo o resgate de um passado perdido, na vã esperança de que este pudesse ser recriado. Mas não pode fazê-lo e jamais o poderá, pois os tempos são outros. Diferentes modelos de publicação de quadrinhos se popularizaram ao redor do mundo e, como não poderia deixar de ocorrer no ambiente globalizado, invadiram o mercado brasileiro e colocaram em xeque a predominância da produção norte-americana, obtida graças a publicações como *Gibi* e *Gibi Semanal*. O panorama atual mostra a convivência, sob certos aspectos, bastante harmoniosa, entre o *gibi* original e as minisséries e *graphic novels* oriundas da produção norte-americana, os álbuns europeus e os mangás japoneses. **M**

REFERÊNCIAS

- BENTON, Mike. *The comic book in America: an illustrated history*. New, Updated Edition. Dallas, Tx., Taylor Publishing, 1989.
- CARDOSO, Athos Eichler. Nhô-Quim e Zé Caipora. In: AGOSTINI, Angelo. *As aventuras Nhô-Quim e Zé Caipora: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. p. 19-32.
- CAVALCANTI, Lailson de Holanda. *Historia del humor gráfico en el Brasil*. Lleida: Editorial Milenio, 2005.
- GOIDANICH, Hiron Cardoso. *Enciclopédia dos quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 1990.
- GONÇALO JÚNIOR. *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

P

A revista *Gibi* e a consolidação do mercado editorial de quadrinhos no Brasil

GOULART, Ron. *The adventurous decade: comic strips in the Thirties*. Pennsylvania: Hermes Press, 2005.

SILVA, Diamantino da. *Quadrinhos dourados – a história dos suplementos no Brasil*. Vinhedo: Opera Graphica, 2003.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). *O Tico-Tico 100 anos: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. Vinhedo: Opera Graphica, 2005.

Artigo recebido em 26 de janeiro de 2012 e aprovado 04 de abril de 2012.